

Fernando Molica

Vampiros que estão entre nós

Numa das melhores cenas de “Pecadores”, de Ryan Coogler, o vampiro-mor Remmick (Jack O’Connell) questiona Fumaça, um dos gêmeos negros interpretados por Michael B. Jordan, sobre as relações raciais na comunidade em que vivem, no sul dos Estados Unidos da década de 1930.

Fala da opressão dos brancos simbolizada na Ku Klux Klan, frisa que o empreendedorismo familiar — a criação de um clube de blues para negros — seria inviabilizada, que ele mesmo, branco, era vítima do preconceito (seu personagem tem evidentes origens irlandesas).

É como alertasse Fumaça: ninguém nasce vampiro, mas todos correremos o risco de tomarmos uma mordida na jugular e, assim, passarmos compulsoriamente desta para a inegavelmente pior, condenados a vagar eternamente por aí em busca de mais sangue e pescoços. O processo de vampirização é contínuo.

O ciclo fica ainda mais evidente em meio ao racismo institucionalizado do sul norte-americano, onde negros eram vampirizados pelos brancos que lhe sugavam corpos, almas, mentes, culturas: “Eles (os brancos) gostam da nossa música, mas não gostam da gente”, diz — a citação não é literal — um dos personagens, negro e músico.

A vampirização deixa de ser apresentada como um evento mágico e inusitado e passa a

ser vista como um processo de espoliação, de negação de humanidade; algo que, no limite, compromete a própria lógica de exploração de sangue ao marcar sociedades e países.

De alguma forma, todos seremos vítimas, até mesmo os que se julgam impunem, chupam sangue de canudinho e percorrem os céus em asas velozes e emprestadas — sequer precisam fazer esforço para voar.

Assim como a mostrada no filme, a vampirização brasileira está há séculos na nossa cara; não nos faltam vampiros e pescoços. O resultado dessa desenfreada chupação de sangue está nas ruas, nas favelas, na violência que gera vítimas e algozes, que espalha pelo asfalto sangue tantas vezes recolhido em palácios e bancos.

Em outra cena de “Pecadores”, o personagem que fala da admiração dos brancos pelo blues lembra que, em determinadas apresentações para plateias em clubes segregados, ele e outros músicos notavam que, entusiasmados, brancos começavam a marcar o ritmo corretamente com os pés.

Eles, os músicos negros, tratavam então de mudar o andamento das canções, evitavam que o público se apropriasse do que produziam: mudar o compasso, causar desconforto e até trocar a partitura não deixam de ser alternativas, estacas de madeira simbólicas na briga pelo fim da cruel dança vampiresca.

Tales Faria

MG: Pacheco candidato deixa Alexandre Silveira sem espaço

Rompido com o senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG) o ministro das Minas e Energia, Alexandre Silveira (PSD), ficou inviabilizado na chapa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para o governo de Minas Gerais. Por isso, resolveu não concorrer a nada e continuar no governo.

Pacheco deverá anunciar até o final do mês, ou início de maio, sua candidatura ao Palácio da Liberdade. A prefeita de Contagem, Marília Campos (PT), será a candidata ao Senado pela chapa. Pacheco negocia com União Brasil, PDT e MDB as outras duas vagas: uma, para o Senado, e a outra, de vice.

O PSD de Alexandre Silveira também fechou as portas para a candidatura do ministro ao Senado. Em Minas, o partido foi para oposição ao filiar Mateus Simões, então vice-governador do pré-candidato a presidente Romeu Zema (Partido Novo), e o senador Carlos Viana.

Presidente da CPMI (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito) do INSS, Viana marcou pontos com a oposição bolsonarista ao tentar aprovar um relatório envolvendo o filho do presidente Lula com o desvio de pensões dos aposentados. Foi escalado para bater chapa contra a petista Marília Campos.

O que se diz em Minas Gerais é que o presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, resolveu usar o estado para equilibrar a balança no partido entre aliados e opositores a Lula. Com o Rio de Janeiro e o Nordeste a favor do governo federal, ele decidiu puxar a balança para o opositorismo com Minas Gerais e a candida-

tura presidencial de Ronaldo Caiado.

É provável que Caiado não consiga ir ao segundo turno e acabe apoiando o candidato do PL, Flávio Bolsonaro, se este chegar lá. Se o bolsonarismo vencer, o partido de Kassab será sócio do futuro governo. Mas, se perder, Kassab volta-se para Lula, com quem sempre teve um bom diálogo.

É com base na hipótese de Caiado apoiar Flávio Bolsonaro num eventual segundo turno, que o ministro Alexandre Silveira convenceu Lula de que ele deve permanecer na equipe do presidente. No segundo turno, Silveira pode ajudar a dividir o PSD no estado, evitando o apoio maciço dos cabos eleitorais da sigla ao candidato presidencial do bolsonarismo.

Aliados de Rodrigo Pacheco ironizam a articulação de Alexandre Silveira de duas formas: a primeira é lembrando que ele não tem partido para agregar à candidatura do presidente Lula; a segunda é que ele está comprando “fiado” a permanência no governo. Fica no cargo agora e paga depois, se tiver segundo turno.

No Palácio do Planalto, no entanto, a versão é que Lula não quis mexer no Ministério das Minas e Energia em um momento de crise internacional do petróleo devido à guerra dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã.

Não se sabe quanto tempo a guerra vai levar e muito menos o tamanho exato do estrago que causará no mercado de combustíveis, com prováveis consequências sobre taxas de inflação no mundo inteiro, como já está ocorrendo com o fechamento do estreito de Ormuz.

EDITORIAL

Paternidade: tempo de construir vínculo

A ampliação da licença-paternidade no Brasil, recém-sancionada, não se resume a apenas mais uma mudança trabalhista. Trata-se, sobretudo, de um reposicionamento simbólico e prático sobre o que significa cuidar e, ainda, quem deve cuidar.

Durante décadas, o nascimento de um filho foi tratado como um evento quase que exclusivo da mulher no campo do cuidado e responsabilidade cotidiana. Ele, o pai, ocupava um papel secundário, limitando-se a poucos dias de afastamento, tempo insuficiente diante de uma transformação que é, concomitantemente, física, emocional e estrutural na vida de qualquer família.

Ao ampliar gradualmente esse período de cinco para até 20 dias, o Brasil começa a corrigir uma distorção histórica, visto que o ponto central dessa mudança está além do tempo concedido ao pai. Está no reconhecimento de que os primeiros dias de vida de um recém-nascido exigem uma rede de apoio efetiva e afetiva, que forçosamente precisa ser construída dentro de casa.

Para a mulher, o puerpério é um período de intensa vulnerabilidade. Há o impacto físico do parto, as oscilações hormonais, o risco de depressão pós-parto e a adaptação a uma nova rotina marcada por privação de sono e novas demandas constantes.

Nesse contexto, a presença ativa do pai é uma necessidade imprescindível. Dividir tarefas, apoiar emocionalmente e compartilhar os cuidados com o recém-nascido é algo “desejável”... É imprescindível! Fundamentais para a saúde da mãe e da criança.

Ao mesmo tempo, a nova legislação também olha para o homem de forma mais realista. Afinal, tornar-se pai não pode ser tratado como um evento periférico. É uma ruptura na sua rotina, uma reconfiguração de suas prioridades e, certamente, o início de um processo de aprendizado intenso. Garantir esse tempo de afastamento é permitir que o vínculo com o filho se construa desde o início, e não encaixado nos intervalos do trabalho.

Em cidades como Campinas, onde a dinâmica urbana muitas vezes impõe jornadas longas e rotinas exaustivas, ganha ainda mais relevância. A possibilidade de o pai estar presente nos primeiros dias não é “um luxo”, é um suporte concreto em um momento delicado de alta exigência emocional e física. É verdade que a ampliação será gradual e que o prazo máximo de 20 dias ainda está longe de ser o ideal, contudo, o avanço não deve ser minimizado, porque ele aponta para uma mudança de mentalidade: a de que cuidar não é uma atribuição exclusiva feminina.

Opinião do leitor

Amor Infinito

Agradeço ao sol pelas raízes no céu. Ao mar pela procura dos amados. As estrelas, pela energia aos namorados. Ao homem pela decisão de cuidar dos feridos. Agradeço as crianças por sonharem por mais emoção e ternura. Agradeço aos idosos pelas sementes da honestidade. Agradeço as flores, pelo sentimento do prazer.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sâ e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.